



João Amado

Entrevista realizada por:
Xosé López González

Como começou a súa andaina no mundo dos brinquedos?

Em 1980 visitei juntamente com uma turma de alunos do ensino secundário, de que era director de turma, uma exposição de brinquedos no Museu do Traje, em Lisboa; um dos alunos perguntou-me com que tipo de brinquedos expostos eu brincara em criança. E eu, que crescera na aldeia, tive que dizer que apenas conhecia um, de entre o conjunto de todos eles. Daí surgir a ideia de propor à turma que fizessem uma pesquisa junto dos adultos das respectivas famílias, em torno dessa mesma questão, o que deu origem

à primeira colecção, à primeira exposição, bem como ao primeiro artigo que escrevi sobre o tema.

Que é para vostede un brinquedo?

Considero como brinquedo todo e qualquer objecto de fruição para as crianças que com ele interajam, brincando livremente e representando aspectos do mundo e da sociedade que as rodeia. Mas distingo três tipos: os *brinquedos populares*, construídos a partir dos mais diversos materiais pelas próprias crianças; os *brinquedos artesanais*, fruto de longas tradições, às vezes inspirados nos popula-

res, mas realizados por artesãos para serem comercializados; e os *industriais*, fabricados em série e replicados em grandes quantidades para serem comercializados universalmente.

Con que se atopou vostede ao meterse nese mundo? Sorprendeuno?

Não sei se entendo a questão; mas creio que a minha persistente atenção ao tema tem-me oferecidos muitas surpresas. Uma delas é a descoberta de uma enorme antiguidade de muitos tipos de brinquedos que chegaram até nós, no mundo ocidental, até ao aparecimento da televisão e dos brinquedos electrónicos. Outra surpresa é a universalidade de muitos deles, ainda que com adaptações aos materiais e às tradições existentes localmente. Surpreende ainda, a grande ligação dos brinquedos populares à natureza. Depois, este tema é uma porta aberta para áreas de investigação muito novas, como a história, a sociologia e a antropologia da infância... Há toda uma iconografia e uma literatura que evidencia e se tece em torno dos brinquedos, das brincadeiras e dos jogos socializados, nas mais diversas épocas e culturas, o que também confere aos artefactos lúdicos infantis uma grande nobreza e dignidade. Vale mesmo a pena investigar e explorar este tema!

Influiu no moito a súa infancia á hora de dedicarse a este tema?

Sim. Como já disse acima, o contraste entre a memória da minha cultura enquanto menino rural —7º membro de uma fratria de 8 irmãos— e a cultura lúdica das crianças de classes sociais abastadas... despertou-me para o tema.

Acha vostede que o mundo rural inflúe positivamente para ter unha maior sensibilidade sobre o tema?

Sim. Isso mesmo decorre da minha afirmação anterior.

Tomar partido polo brinquedo popular ten algo de defensa da natureza?

Claro. Os brinquedos populares eram na sua grande maioria realizados a partir de materiais oferecidos pela natureza: paus, canas, flores, folhas, frutos, etc. E essa prática proporcionava uma aproximação à natureza tornando-a mais conhecida e mais estimada pelas crianças. Descobriam-se as potencialidades e qualidades da natureza, a beleza, o cheiro, a elasticidade e ductilidade, etc, e, ao mesmo tempo descobria-se, numa aprendizagem informal, as mil maneiras de colocar tudo isso ao serviço da brincadeira, tal como os adultos sabiam colocar a natureza —vegetal, mineral, animal— ao serviço do trabalho e da sobrevivência.

Coñecer a natureza implica un coñecemento máis profundo do brinquedo tradicional?

Eu diria o contrário, na sequência do que já disse acima: conhecer o brinquedo popular e, sobretudo, construí-lo e com ele brincar, implica um melhor conhecimento da natureza.

Cre vostede que hai unha diferenza importante entre o brinquedo popular do sur de Portugal co do norte?

Uma das surpresas no estudo dos brinquedos populares é a constatação da sua universalidade. Grande parte deles pode encontrar-se em qualquer região de Portugal —eu direi mesmo, da Espanha, da Itália, de França, da Bélgica, e de outros países—. É muito raro encontrar a memória —é de memória que se trata quando falamos hoje neste tema— de um brinquedo popular específico de uma re-

gião confinada; o que encontramos são ligeiras variantes devidas à maior ou menor presença e abundância dos materiais de que são feitos. Por exemplo, uma ocarina de amêndoa é mais facilmente encontrada onde há amendoeiras; um carro de bois de castanhas é memória frequente nas zonas com castanheiros e respectivos frutos; um barco de osso de choco, encontra-se mais facilmente no litoral; um colar de camarinhas adornava as meninas que viviam perto das dunas onde aqueles frutinhas encantavam a pequenada.

En que forma inflúen os materiais dunha zona xeográfica coa existencia ou non de determinados brinquedos?

Foi isso mesmo que também acabei de explicar na pergunta anterior. Mas também se pode acrescentar que a diferença se faz, ainda, pela imitação das formas de vida dos adultos. Nas zonas em que predominam os trabalhos agrícolas, muitos dos brinquedos e brincadeiras constituíam-se como *representações* desses modos de vida: carros de bois, moinhos e outras alfaias agrícolas; mas nas zonas ribeirinhas, eram os barcos miniatúrais e as pequenas redes de pesca, etc, que se constituíam no principal património das crianças. Contudo, em geral, isto não determinava uma exclusividade restrita... e a regra era a universalidade da maioria dos artefactos.

Que circunstancias inflúen na conservación dos brinquedos, ou sexa, na súa lonxevidade?

Falo de brinquedos populares tal como os defini; direi que a sua longevidade vem desde sempre até à hora do aparecimento da televisão —anos 60 do século XX—. E essa longevidade ficou a dever-se a uma muito lenta e quase imperceptível transformação das formas de vida e da cultura adulta. A longevidade dos brinquedos populares



explica-se do mesmo modo que a longevidade das alfaias agrícolas e de todos os artefactos e indústrias da vida quotidiana tradicional. A industrialização em geral, a mecanização da agricultura, por um lado, a deslocação demográfica para as grandes cidades, a desertificação do mundo rural, o alargamento da escolaridade obrigatória, a oferta de outros modos de lazer como a televisão, discotecas, etc, por outro lado, vieram também a repercutir-se fortemente nas culturas da infância e da juventude, colocando o património lúdico tradicional em risco de se perder definitivamente.

Cal é a situación do brinquedo popular hoxe en Portugal?

Creio que em Portugal como noutros países ocidentais, o brinquedo popular pouco mais é do que uma memória. Mesmo assim, há iniciativas várias de alguns professores e animadores culturais no sentido de trabalharem, junto dos seus alunos e de outras populações, no caminho de fazerem dessas memórias ainda hoje uma realidade interessante e útil, na animação cultural e na pedagogia dos projectos. Para além de alguma —muito pouca— biblio-

grafia, e de uma exposição ou outra realizada pela iniciativa daqueles agentes em escolas ou associações culturais, não há uma instituição, como um museu, que faça a recolha e preservação de forma sistemática deste património cultural.

Que medidas cre vostede que se poderían tomar para procurar a recuperación do brinquedo popular?

Para além da acção persistente dos agentes já referidos, creio que seria importante a criação de um museu que recolhesse de forma sistemática este património, e que o revelasse e divulgasse com a dignidade que merece junto de professores e das crianças. Seria também um pólo de atracção de muitos adultos e idosos que, aí, poderiam reviver de forma saudável as memórias da meninice e, com isso, ampliar o registo de testemunhos promotores do conhecimento nas áreas científicas já acima referidas.

Cal é o valor educativo e pedagógico do brinquedo?

Se te referes aos brinquedos populares de que falei sobretudo até aqui, o valor educativo era extraordinário, já que

proporcionavam formas impares de socialização com os outros —com quem se jogava, se aprendia a fazer o material lúdico, etc—; era ainda, como também já disse, uma forma de aprendizagem de valores —a amizade, por excelência—, da cultura e das formas de vida —o papel das miniaturas de alfaias agrícolas e de instrumentos da vida caseira e quotidiana—; aprendia-se, ainda, a conhecer a natureza e despertavam-se competências motoras —os brinquedos associados a movimento e representando transportes— e manuais —a própria manufacturas dos brinquedos era já um divertimento—. Se te referes aos brinquedos, em geral, sabemos também quanto as investigações na área da psicologia —do desenvolvimento, pedagógica, psicanalítica, etc— têm vindo a demonstrar a riqueza potencial do brinquedo, do jogo e da brincadeira, para o crescimento harmonioso e integral das crianças. Essa seria uma conversa muito longa.

Debería haber unha cátedra nas facultades de Ciencias de Educación que atinxa o tema dos brinquedos?

Sou menos ambicioso. Creio, no entanto, que as questões já por mim focadas, tais como as da história, da sociologia e da antropologia da infância, deveriam fazer parte da formação em Ciências da Educação... e, ao menos transversalmente a essas áreas —a que se juntariam a psicologia do desenvolvimento e pedagógica— a temática dos brinquedos e dos jogos —tradicional e não só— deveria ser sempre contemplada. Claro, que tudo isso, poderia levar a alguma especialização no quadro de mestrados e doutoramentos.

Como se pode potenciar ou desenvolver o brinquedo a través da escola?

Mais uma vez, limitando-me ao brinquedo popular, creio que



iniciativas fundadas em projectos envolvendo professores e alunos, de modo a explorarem as memórias do brincar e do brinquedo das gerações mais antigas dos grupos sociais localizados no contexto de implantação da escola, serão um caminho altamente potencializador. Estas iniciativas poderão levar a uma aproximação de gerações diferentes, na prática de jogos tradicionais e na oficina de brinquedos, em exposições visitáveis por uns e por outros, e tornar os espaços de recreio das escolas lugares divertidos, pacíficos e enriquecedores intelectual e socialmente.

Habelencia, imaxinación... realidade, fantasía... un medio natural e social; que é o que é o xoguete tradicional?

Os brinquedos populares são tudo isso e mais... eles são um património cultural transmitido

ao longo de séculos, de geração para geração entre as crianças e os jovens. De facto, eles são invenções anónimas, seculares, que se vão enriquecendo em cada momento através da habilidade, da imaginação e da fantasia das crianças do aqui e do agora.

Como explica que en puntos moi diferentes da Terra estea demostrada a existencia da mesma tipoloxía de brinquedos, a pesar de estarmos falando de sociedades cando menos aparentemente illadas entre si? Será que xoguetes semellantes responden a necesidades semellantes, independentemente do lugar do mundo onde nos atopemos?

A universalidade de muitos brinquedos populares é uma realidade muito curiosa e que suscita muita reflexão. Julgo que ela se deve a múltiplos factores de

que sublinho dois. O primeiro é o facto de a sua matéria prima ser, essencialmente, a natureza que, como diz Miguel Torga, se apresenta *sempre a mesma e sempre variada*. O segundo factor deve-se ao facto de os brinquedos populares, realizados pelas próprias crianças, corresponderem às suas necessidades básicas: liberdade de movimentos, possibilidade de experimentar sem riscos, desejo de conhecer os segredos do mundo que as rodeia, vontade de dar *vida* ao que aparentemente é inerte... enfim, como disse Roland Barthes, correspondem ao desejo de exercer uma demiurgia.

Xoguetes de nenos/as, xoguetes de persoas adultas..., é que todos e todas precisamos xogar sexa cal for a nosa idade?

Os jogos tradicionais dos adultos, são, em grande parte, a



forma de transportar a meninice —a alegria, a aventura, a fantasia...— no coração de outras idades. Os adultos que mataram a criança dentro de si, são pessoas sem futuro.

Vostede afirma, no Universo dos brinquedos populares, que o estado novo português via nos xogos e xoguetes unha ferramenta útil en extremo para o reportuguesamento das camadas novas da poboación. Tanto poder pode chegar a ter o patrimonio lúdico tradicional?

Creio que as tradições populares, relativas aos jogos e a outros aspectos da vida, são um substrato essencial de cada cultura; e apesar dos aspectos universais, há muitos elementos que traduzem a identidade de cada povo. Os políticos sempre souberam disso, e consoante a situação, ou procuraram apagar esses traços identitários para melhor impor os seus ideais colonizadores, ou procuraram exaltá-los com o intuito de afirmarem uma identidade superior e pura com fins racistas e manipuladores. O poder não estava

na tradição popular —incluindo o património lúdico—, mas nas mãos de quem se servia dessa tradição despindo-a da sua humanidade. O importante é saber manter a combinação do local e do universal...

Daquela, outorgaríalle ao brinquedo tradicional algún papel protagonista na reconstrución, iniciada aos poucos a partir da morte do Xeneral Franco, dun país chamado Galicia?

Como disse na questão anterior, a cultura popular traduz, em muito, a identidade de cada povo... Certamente que há que procurar também no património lúdico aqueles que são os elementos identificadores da cultura local, como a cultura galega, ou portuguesa, ou outra... mas não há que esquecer o que essa mesma cultura possui de universal... aquilo mesmo que nos torna irmãos, na península Ibérica, na Europa e no Mundo. Creio que essa tem sido a preocupação de muitos investigadores, mormente da Galiza, como Paco Veiga, Antón Cortizas e outros, para dar exemplos dos que se têm dedicado ao estudo do património lúdico.

É a musealización un dos camiños de recuperación do xoguete tradicional, ou talvez só de conservación?

Não sou especialista de museologia... mas creio que aos museus do brinquedo competem dois objetivos básicos: preservar e revitalizar o património lúdico. Além disso, um museu do brinquedo popular e do jogo tradicional —um sonho?!...— teria um papel importante, nos nossos dias, no que diz respeito à aproximação entre gerações —um lugar para avós e netos—..., e à salutar dinamização da cultura popular.

Finalmente, unha curiosidade só por provocar o debate sobre os prexuízos educativos dos nosos días: que lle parecería a idea de que todos os nenos e nenas do

século XXI andasen cunha navalha no peto permanentemente?

Se uma navalha fosse um símbolo e um sinal de crescimento e de orgulho... se uma navalha fosse a demonstração da confiança que os outros, colegas e adultos, depositassem em cada criança... se uma navalha fosse o instrumento à mão para qualquer desenrascanso nas tarefas do quotidiano... se uma navalha fosse o complemento das mãos e o instrumento da habilidade para transformar um fragmento de cana ou um pedaço de madeira nos mais variados objetos lúdicos... se uma navalha servisse para fazer de qualquer sala de aula uma oficina de brinquedos... Se tudo isso fosse possível no século XXI, como foi outrora, pelo menos há uns 60 anos atrás... Ah! Então, a navalha deveria andar, ainda hoje, no bolso de qualquer menino, a partir da escolarização primária... ■